



DIA INTERNACIONAL DA MULHER INDÍGENA

Neste Dia Internacional da Mulher Indígena, levantamos as nossas vozes não para celebrar, mas para lembrar ao mundo que as nossas lutas continuam, mais vivas do que nunca. Longe de ser um dia de celebração, 5 de setembro é um dia para tornar visíveis as múltiplas formas de violência que continuamos a enfrentar: violência política baseada no gênero, violência dentro das nossas próprias instituições e organizações, e o abandono a que somos condenadas por aqueles que deveriam estar do nosso lado.

As nossas irmãs indígenas, especialmente na Amazônia, estão na linha da frente da defesa dos nossos territórios, da nossa cultura e dos nossos direitos. No entanto, em vez de receberem o apoio e a proteção que merecem, são frequentemente ignoradas, marginalizadas e silenciadas. Esta violência não vem apenas do exterior, mas infelizmente também do interior das nossas próprias comunidades e organizações, onde as mulheres continuam a estar sub-representadas e as nossas vozes são frequentemente minimizadas.



Hoje, mais do que nunca, reafirmamos o nosso compromisso de continuar a lutar por um mundo onde a paridade de gênero seja uma realidade e onde as mulheres indígenas possam viver sem medo da violência e do abandono. Não pedimos privilégios; exigimos respeito, justiça e participação plena em todos os espaços de decisão.

Neste 5 de setembro, não comemoramos. Reflectimos e renovamos a nossa força para continuar a enfrentar estas injustiças. Porque a nossa luta ainda não terminou e não descansaremos até que a dignidade, o respeito e a igualdade sejam para todas as mulheres indígenas.

Vamos em frente, juntos na luta.

PROJECTO VOICES: A COICA E A CONFENIAE JUNTAS EM ACÇÃO





A COICA e a CONFENIAIE reafirmaram o compromisso de trabalhar em conjunto para fortalecer a capacidade organizacional e desenvolver ações efetivas para responder aos alertas e denúncias que surgem no território amazônico. Numa importante reunião, as duas organizações discutiram estratégias para melhorar a coordenação e a eficiência na gestão de situações críticas, com especial ênfase na utilização do Sistema de Informação Geográfica (SIG) da CONFENIAIE..

Durante a reunião, foi destacada a utilização de mais de 900 formulários para avaliar questões fundiárias, revelando que apenas 40% da titulação de terras foi concluída, deixando 58% ainda pendente. Esta análise detalhada permitiu identificar zonas de conflito, como as províncias de Zamora e Morona Santiago, onde a desflorestação e a emissão de títulos ilegais estão a gerar graves litígios jurídicos e territoriais.



Além disso, a colaboração faz parte do projeto “VOCES”, que visa tornar visível e divulgar as realidades das comunidades indígenas a nível nacional e internacional. Uma comunicação eficaz, em conjunto com o SIG, garante que os alertas e as queixas sejam tratados rapidamente, reforçando a defesa dos direitos territoriais e humanos na Amazônia.



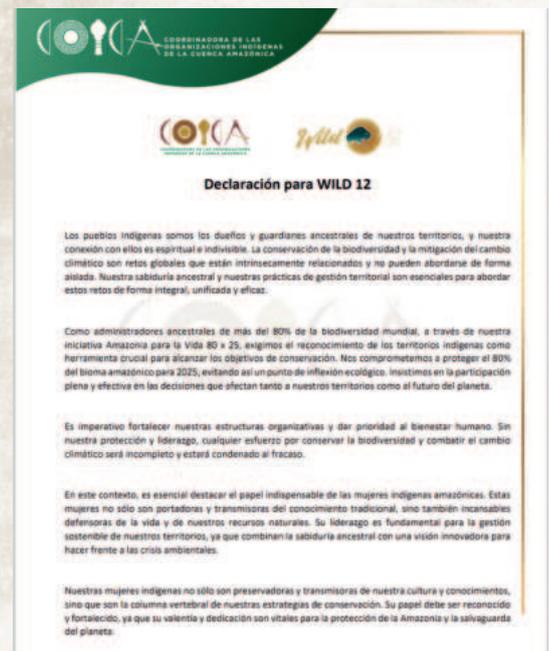
WILD 12: PROTECÇÃO DA VIDA SELVAGEM

Fany Kuiru, Coordenadora Geral da COICA, foi convidada especial para este importante evento. Reconhecida por sua liderança na defesa dos direitos indígenas e ambientais, Fany trouxe a voz dos povos da Bacia Amazônica para o cenário mundial. A sua participação foi essencial nas discussões sobre conservação e gestão da terra, contribuindo com a sua experiência no processo que levou o governo colombiano a entregar o Putumayo Predio Resguardo aos povos originais.

O WILD12 é mais do que um congresso; é um apelo à ação para proteger a natureza selvagem do planeta. Os povos indígenas, como guardiões ancestrais de mais de 80% da biodiversidade do mundo, exigem o reconhecimento dos nossos territórios como ferramentas cruciais para alcançar os objectivos de conservação. Neste contexto, é fundamental destacar o papel das mulheres indígenas da Amazônia, que aliam a sabedoria ancestral a uma visão inovadora para enfrentar as crises ambientais.

Entre os resultados esperados do WILD12 estão a emissão de uma declaração oficial que reinterprete as áreas selvagens a partir de uma perspectiva indígena, a criação de uma estrutura global para designações de vida selvagem lideradas por tribos em terras tradicionais e a promoção da restauração de terras indígenas como parte dos esforços para conservar 50% das terras e águas do planeta.

Veja a declaração da COICA aqui:
DECLARAÇÃO DA COICA WILD 12





COICA: UM FIRME COMPROMISSO COM A DEFESA DE YASUNÍ



A Coordenação das Organizações Indígenas da Bacia Amazônica (COICA) desempenhou um papel crucial nesta cimeira, representada por Marco Martínez, Jamner Manihuari e Nazareth Flores. Enquanto membro do Tratado de Não Proliferação de Combustíveis Fósseis, a COICA reafirmou o seu empenho na proteção do território amazónico e dos direitos dos povos indígenas. A presença da COICA sublinhou a importância da unidade dos povos da Amazônia na luta contra o extractivismo e na promoção de um modelo de desenvolvimento pós-extractivista.

Um plano de ação pós-extractivista

Durante a cimeira, foi elaborado um plano de ação que visa assegurar uma vida digna e sustentável ao povo Waorani e a outras comunidades indígenas. A Cimeira de Yasuní procura não só proteger a biodiversidade, mas também garantir que as comunidades indígenas tenham a voz principal na tomada de decisões sobre o seu futuro.

As resoluções adoptadas na cimeira sublinham que a luta por Yasuní é uma luta pela vida e pela justiça climática. Os povos Waorani, juntamente com os Tagaeri e Taromenane, têm enfrentado as consequências devastadoras de mais de 50 anos de exploração petrolífera no seu território ancestral. A Cimeira Internacional para Yasuní constituiu um marco na defesa dos direitos indígenas e na proteção do ambiente, posicionando a Amazônia como uma referência mundial na luta contra a crise climática.

A COICA continuará a promover acções legais e de advocacia a nível nacional e internacional para garantir o respeito pela vontade dos povos e a implementação de um modelo de desenvolvimento sustentável que garanta a vida e a biodiversidade dos 511 povos indígenas da bacia amazónica.



CARTA ABERTA ÀS AUTORIDADES POLÍTICAS DOS GOVERNOS CENTRAL E DESCENTRALIZADO DO EQUADOR

Mulheres indígenas: Defensoras da Amazônia

As mulheres indígenas da Amazônia têm sido defensoras e líderes da linha de frente na luta pela defesa de nossos territórios ancestrais e dos recursos naturais que sustentam nossas comunidades. É fundamental apoiar nossas reivindicações e garantir nossa participação nas decisões. Da mesma forma, nosso trabalho tem sido incansável em prol da justiça social e ambiental, servindo de inspiração a nível global.

Desde tempos imemoriais, com as crônicas de Orellana, há 500 anos, descrevia as poderosas mulheres que defendiam o rio com tenacidade, dando o nome de Amazonas em honra das Guerreiras, pelo que as mulheres indígenas transportam o espírito dos nossos antepassados e agora unimo-nos para enfrentar a invasão dos nossos territórios e a exploração indiscriminada do nosso património por parte das empresas madeiras. Como resultado, surgiram movimentos indígenas organizados, liderados por mulheres, para denunciar os impactos do extrativismo em nossos territórios. Hoje, as mulheres indígenas continuam na vanguarda da defesa da Amazônia, enfrentando novos desafios como as mudanças climáticas e a perda da biodiversidade.



Nossas principais reivindicações como mulheres indígenas da Amazônia

Direitos territoriais: As mulheres indígenas desempenham um papel crucial na gestão e proteção dos territórios ancestrais das nossas comunidades, razão pela qual exigimos o reconhecimento legal e a proteção efectiva dos nossos territórios contra a invasão das terras e dos recursos naturais por interesses externos.



Ambiente: A defesa do ambiente é fundamental para as comunidades indígenas da Amazônia, e as mulheres lideram frequentemente os esforços para proteger as florestas, os rios e a biodiversidade locais, essenciais para a nossa subsistência e cultura.

Direitos humanos: As exigências incluem o respeito pelos direitos humanos básicos, como o acesso à saúde, à educação e a condições de vida dignas. As mulheres lutam frequentemente contra a discriminação e a violência baseada no gênero dentro e fora das nossas comunidades.

Participação política e liderança: Muitas mulheres indígenas procuram aumentar a nossa participação na tomada de decisões dentro das nossas comunidades e a nível nacional, promovendo a igualdade de representação e uma voz ativa nas políticas públicas que afetam as nossas vidas, e trabalhamos para erradicar a violência política contra as nossas mulheres líderes.

Alterações climáticas: Com o impacto crescente das alterações climáticas na região amazônica, as mulheres indígenas estão cada vez mais envolvidas na defesa de práticas sustentáveis e resilientes que protejam os nossos territórios e recursos das ameaças ambientais, bem como de um modelo descarbonizado para os nossos filhos.

Financiamento: As mulheres indígenas carecem de acesso a financiamento e apoio de instituições públicas e privadas para nossas iniciativas de defesa territorial e empreendedorismo e cadeias da economia indígena e bioeconomia, e apelamos às agências de cooperação nacionais e internacionais para que canalizem recursos e assistência técnica para nossas iniciativas.

Enfoque de gênero em programas ambientais e de liderança: Incorporar projetos com enfoque de gênero na governança territorial, incentivos ambientais e práticas sustentáveis para reduzir o desmatamento no bioma Amazônia.

O impacto do extrativismo em nossas comunidades tem nos trazido muita contaminação de rios e solos, afetando a saúde e o sustento de nossas comunidades, ao mesmo tempo em que as violências que nós comunidades indígenas enfrentamos são de ameaças, assédios e agressões por parte das empresas.

Nesse sentido, o papel das mulheres indígenas na defesa do território é fundamental, pois somos guardiãs do território e as principais guardiãs do conhecimento ancestral dos nossos recursos naturais, liderando movimentos e articulando estratégias de resistência contra o extrativismo.

Por outro lado, as mulheres indígenas são activistas que denunciam os abusos e lutam pelos direitos dos nossos povos a nível local e internacional, razão pela qual enfrentam ameaças, agressões e criminalização pelo seu ativismo.



Dizemos basta de repressão e silêncio. As mulheres indígenas exigem respeito dos governos e de todas as nacionalidades, dizemos basta de repressão e silêncio, “os maus tratos não são culturais, não aceitamos a violência em todas as suas formas. Exigimos a proteção da nossa participação nas eleições sem condições nem exclusões. Queremos o reconhecimento do papel das mulheres na sociedade e na tomada de decisões. Queremos sororidade política e aspiramos à solidariedade, que compreendamos as nossas diferenças e nos defendamos unidas, numa só voz. Queremos curar das profundezas como resiliência para defender nossos territórios. Queremos autonomia, independência e liberdade econômica.

Por fim, conclamamos a solidariedade internacional a amplificar as vozes das mulheres indígenas no cenário mundial, tornando visível a proteção que elas podem proporcionar para maior segurança e apoio às mulheres líderes que defendem nossos territórios, é hora de unir nossas vozes e ações para defender nossos direitos e preservar a integridade dos territórios.

Da nossa resistência milenar, as vozes das mulheres indígenas para a ação dos governantes dos nossos países amazônicos.

Nemo Guiquita
Líder indígena



Siga-nos nas nossas redes oficiais

